

A Felicidade em Albert Camus

Aproximação à sua obra

Marcello Duarte Mathias

3.^a edição revista
acompanhada de um novo prefácio
e acrescida de três novos textos



D. QUIXOTE

UM EDITORIAL DO *TIMES*

No dia 5 de Janeiro de 1960, o *Times* de Londres, anunciando a morte do escritor francês Albert Camus, inseria nas colunas do seu editorial um artigo intitulado: «A Man who Walked Alone». O jornalista definia assim, em cinco breves palavras, muito mais do que *a caminhada solitária* do escritor Camus — resumia o destino das suas melhores criações. O que é, em última análise, o itinerário de um Calígula, de um Meursault, de um Clamence, senão o longo e doloroso percurso da solidão? De cada artista afinal, senão de todos os homens? Solidão essencial e irreduzível que o amor, a política, a criação, por vezes transfiguram, sem nunca verdadeiramente a redimir. A caminhada sem fim de Sísifo não parece ser assim a vocação de um destino excepcional, mas a mais rudimentar experiência de um homem comum.

Essa primeira e rudimentar experiência circunscreve-se para Camus, filho natural da alegria e da morte, a uma particular sensação de exílio interior, de clausura, que a sua infância como que concentra e anuncia. Camus exemplifica, por excelência, a veracidade da célebre asserção de Wordsworth de que a criança é o pai do homem.

«Cada artista conserva, no fundo de si mesmo, uma fonte única que alimenta durante a sua vida o que ele é e o que diz», lê-se

no prefácio à reedição do seu primeiro livro em 1958. Essa *fonte única* onde encontrá-la, senão na infância? — invisível fio de ouro que percorre e irradia toda a sua obra de uma oculta claridade. Na mesma altura, recordará tudo aquilo que deve aos seus: «Apenas pelo seu silêncio, a sua reserva, a sua altivez natural e sóbria, esta família, que nem sequer sabia ler, deu-me então as minhas mais profundas lições, que ainda perduram.» E que jamais esquecerá.

Órfão de pai, vivera com a mãe, simples mulher-a-dias, analfabeto, de origem espanhola, cedo atacada de surdez, cuja figura e cuja presença o marcarão de maneira inconfundível. Parte indelevel da sua infância, Camus nunca dela se desprenderá a despeito das diferenças de cultura e de experiência. «O homem que seria se eu não tivesse sido a criança que fui!» Infância... Inalterável fonte de vida.

O seu primeiro livro¹ retratará a atmosfera penosa dessa vida em comum e a progressiva cumplicidade gerada pelo decorrer do tempo entre duas presenças a envelhecerem lado a lado: a timidez afectiva do filho e a mudez distraída da mãe. Juntos² na contemplação dos mesmos objectos familiares, partilhando a mesma vida e a mesma modéstia. Intimidade feita de aceitação e de constrangimento. E de amor também.

Essas páginas recordarão o retrato do pai numa moldura dourada, operário rural, morto em combate no início da guerra de 1914; o candeeiro de petróleo que se acende por alturas do jantar no Inverno, quando anoitece mais cedo; o barulho da rua a determinadas horas do dia; o mutismo sonolento da velha; o artritismo de dedos nodosos a trabalhar a lã. E nas noites ocio-

¹ O *Avesso e o Direito* contém cinco pequenos textos: «A Ironia»; «Entre o Sim e o Não»; «Com a Morte na Alma»; «Amor à Vida»; «O Avesso e o Direito».

² Na realidade viviam na mesma casa a avó materna, a mãe, um tio e os dois irmãos Camus, Lucien e Albert. Pelo lado paterno, a família Camus era originária da zona de Bordéus, tendo emigrado para a Argélia em 1871, depois da anexação da Alsácia pela Alemanha.

sas de Verão, a janela aberta sobre as luzes da cidade, a frescura das árvores, o cheiro das sombras.

Assim cresceu o jovem Camus num primeiro andar modesto do bairro popular de Belcourt, em Argel.

Garoto da rua, é na rua, de mistura com os outros pequenos da sua vizinhança, arraia-miúda de judeus, malteses, napolitanos, gregos, que a sua infância de rapazinho pobre se vai abrir desordenadamente à alegria de uma vida ao ar livre. É a primeira aprendizagem da liberdade, de uma liberdade total de criança, solta e nua, experiência inestimável para quem não dispõe de outros meios, e não conhece outros recursos. É também o primeiro contacto com essas manhãs transbordantes de sol mediterrâneo, cuja luz não mais se apagará dos seus olhos. E já, para ele, embora disso não tenha ainda consciência, o primeiro encontro consigo próprio. Encontro fecundo e definitivo de que se lembrará mais tarde aquando da atribuição do Nobel: «Nunca pude renunciar à luz, à felicidade de existir, à vida livre em que cresci.» Contudo, essa lição de amor e de pobreza que as melhores imagens da sua infância lhe ensinam depressa conhecerá o seu avesso com a entrada de Camus, na qualidade de aluno bolseiro, para o Liceu Bugeaud, em Argel. Aí a criança enfrenta os arrogantes preconceitos de classe dessa Argélia de ricos colonos e de pequenos comerciantes aburguesados. A sua sensibilidade precoce far-lhe-á sentir a discrepância da sua posição: próximo, sem dúvida, dos seus camaradas franceses pela cultura, pela nacionalidade e até pela consonância europeia do seu nome e apelido, mas sentimentalmente vizinho das famílias árabes pelos anseios e privações do seu estatuto social que com eles partilha, sem com eles todavia se confundir.

Já no liceu, as circunstâncias tornam-no um *outsider*, ou melhor, um solitário cuja presença junto dos outros é um pouco de de um intruso. Numa palavra, um estrangeiro.

Mais tarde, no alvoroço final da adolescência, luta contra a tuberculose, adere ao Partido Comunista³, casa mas logo se separa.

É o tempo das grandes descobertas livrescas; da elaboração do seu primeiro livro de contos, *O Averso e o Direito*; do reencontro com o seu professor de filosofia Jean Grenier, amigo nunca desmentido a cujo talento o seu discípulo consagrará sempre a mais denodada admiração.

Para além de Jean Grenier, os autores contemporâneos que nessa altura mais o marcaram foram Montherlant e Malraux⁴, embora se devam mencionar igualmente os nomes de Gide, Barres, Nietzsche. Sem esquecer Dostoievski.

De Jean Grenier⁵ recebe o gosto pela especulação e o pensamento filosófico, assim como a presença dessa cultura mediterrânea

³ Entra para o partido em 1934, com vinte e um anos, portanto. Parece ter-se demitido um ano depois, embora sobre este ponto subsistam dúvidas. Eis como Morvan Lebesque, no seu ensaio *Camus por Ele Próprio*, explica a sua demissão do PC: «Laval fora a Moscovo e obtivera de Estaline que os comunistas franceses modificassem a sua política de apoio às reivindicações muçulmanas. Ordem ao militante Camus para, *ipso facto*, modificar a sua atitude. Recusa. Expulsão.»

Sobre as razões da sua adesão ao PC, o livro de Jean Grenier presta úteis esclarecimentos (*Albert Camus. Souvenirs*, Paris, Gallimard, 1968) .

⁴ Numa entrevista concedida a Urbano Tavares Rodrigues, Camus disse: «Quando somos novos creio que admiramos nos outros as semelhanças connosco; mais tarde admira-se quem é diferente de nós. Assim na juventude me entusiasmavam as obras de Malraux e Montherlant.»

Vide Urbano Tavares Rodrigues in *De Florença a Nova Iorque*, Lisboa, Portugália Editora, 1963.

⁵ A influência de Jean Grenier foi nele não só decisiva mas duradoura. Os dois homens foram, aliás, amigos. Referindo-se ao livro *Ilhas*, de Grenier, Camus confessou a sua dívida: «Na altura em que descobri as *Ilhas* suponho que desejava já escrever. Mas só decidi fazê-lo verdadeiramente depois da sua leitura.» Livros como *Núpcias* fazem-lhe eco, e nele em parte se alimentam, e alguns temas camusianos, embora expressos com maior virulência, traduzem afinal uma inquietação e uma procura semelhantes. Subjaz-lhes um idêntico gosto pela liberdade física, a terra visível e concreta, o mar. Partilham de idêntica lucidez ante a vertigem do nada. E embora de gerações e culturas diferentes um mesmo estado de espírito lhes é comum, e perante fenómenos de igual natureza é igual também a reacção de ambos. Assim, quando Camus descobre o absurdo e as suas tentações niilistas, já Grenier falara da vacuidade do mundo e da «serena apatia» que dela deriva. Quando Camus, nos anos 50, publica *O Homem Revoltado* e se insurge contra a

onde tão naturalmente se sentia integrado. De Montherlant, e sobretudo desse admirável Montherlant de *Mors et Vita* e do *Serviço Inútil* — onde uma sensibilidade cristalina se alia ao mais suntuoso e insolente dos desprezos —, Camus herda um certo culto do desprendimento, do desafio e da exceção. De Malraux finalmente toca-lhe a voz desumana das trevas, trevas permanentemente sulcadas por um fremente e indestrutível deslumbramento. Quase seríamos tentados a escrever que o jovem Camus de então se assemelha às melhores personagens de Malraux, pela consciência desassomburada e lúcida de um destino solitário. Não é, na verdade, muito diferente o estado de espírito dum Perken («Não conheceis a exaltação que se desprende do absurdo da vida!») ou dum Garine, homens de fervor e de angústia, cujo heroísmo individual se vai fundir num pessimismo niilista e libertário.

Núpcias será, em parte, o reflexo dessa tentação nietzschiana. Aliás, não nos esqueçamos de que Camus, nesse período precisamente, pretendia consagrar um estudo à obra de Malraux⁶ e que tempos antes adaptara à cena com o seu grupo teatral o romance *O Tempo de Desprezo*, do mesmo Malraux. É pois natural que o espírito do autor da *Condição Humana*, cedo obcecado pela morte e o sentimento do absurdo, o tivesse desde então vivamente marcado.

Essas influências não são todavia, patentes no seu primeiro livro. Sem dúvida por este ser excessivamente apegado à sua

cegueira de catecismos doutrinários que escravizam o homem em nome da sua salvação, já Grenier, em 1938, publicara o *Ensaio sobre o Espírito de Ortodoxia*, onde, com igual firmeza, atacava os mitos do monolitismo político. Para mais, assistimos em ambos — em Jean Grenier por inclinação de espírito e conhecimento profundo das filosofias budistas e taoistas, em Camus por pendor natural — ao íntimo fascínio da indiferença como fundamento e solução de uma certa concepção da existência.

⁶ Foi por intermédio e a conselho de Malraux que a editora Gallimard publicou no Verão de 1942 *O Estrangeiro*. Mais tarde, quando Camus recebeu a consagração do Nobel, admirou-se não ter este sido antes atribuído a homens como Malraux. Na altura em que morreu, Camus regressava a Paris para conseguir que Malraux, então ministro da Cultura, lhe entregasse a direcção dum teatro; o teatro fora sempre de todas as formas de arte aquela que mais o seduzia.

experiência pessoal de todos os dias, demasiado decalcado sobre os seus próprios gestos para que o perfil das palavras se possa, com nitidez, substituir ao rosto e à paixão de quem as vai criando. O que é, na verdade, *O Averso e o Direito* senão as páginas apressadamente elaboradas dum jornal sem datas? Assemelham-se com efeito a um diário, por essa fusão desajeitada e urgente com que tudo fica suspenso ante a contemplação dum primeiro olhar. Inventaria-se o imediato sem o dominar, pois o que importa não é tanto a interrogação, mas a avidez com que se interroga, não tanto a presença dos outros mas a descoberta da nossa consciência, una, profunda, banal e insondável.

O que interessa não é compreender ou amar mas conquistar esse presente irrecusável que nos cerca, e através dele a imagem da nossa identidade, sem dúvida permanentemente incerta e movediça e já contudo terrivelmente definitiva.

Escrever é pois, ainda e somente, um reflexo, o início de uma crise, a linha de uma fissura; uma primeira brecha cuja extensão se ignora. Roteiro interior entre a confissão velada e o ensaio psicológico, *O Averso e o Direito*, para além do emergir duma nova voz embora ainda enclausurada, retém-nos pela sensação de vácuo opressivo que resulta de um monólogo prolongado e desconfortante.

Com efeito, Camus pisa e repisa com a complacência de um diarista os temas do anonimato, da mediocridade, do isolamento — já que um diário é sempre o testemunho de um solitário à espera de uma redenção. Solitário que enfrenta com uma atenção comovida e densa a soberana indiferença das coisas e nela se compraz como se nada mais houvesse a esperar. Como se nada mais lhe fosse dado cumprir. *O Averso e o Direito* sofre dessa intimidade que, por outro lado, permite desenhar-lhe os contornos e imprimir o tom que lhe é próprio. Se é verdade que um diário é sempre um livro por concluir, então *O Averso e o Direito* é também um livro inacabado.

E todavia, no prefácio publicado em 1958, volvidos mais de vinte anos sobre a primeira edição, Camus frisou bem a importância que revestia aos seus olhos aquele livrinho, embora repleto de imperfeições e lacunas, porquanto testemunha de uma certa verdade para ele inextinguível, a de sua infância. «Se, mau grado tantos esforços para edificar uma linguagem e dar vida a alguns mitos, eu não consigo um dia tornar a escrever *O Averso e o Direito*, nunca terei alcançado coisa alguma, eis a minha obscura convicção.» Infância onde, não será de mais repeti-lo, a presença de sua mãe ocupa um lugar de destaque. Presente por entre a opacidade dos objectos na penumbra pálida das tardes; presente ainda nos anos da adolescência, simbolizando na sua quietude e na sua permanência esse misto de resignação e tenacidade que nasce da pobreza e da solidão; à semelhança da mãe de Rieux, em *A Peste*; da mãe de Jan, em *O Mal-Entendido*; da mãe de Meursault, em *O Estrangeiro*.

Efectivamente, à volta da figura da mãe concentra-se uma multidão inominável de impressões e sentimentos — medos, compromissos, alegrias, mágoas, incompreensões — que à sua imagem se acolhem como se ela fosse, por natureza, o ponto de equilíbrio de tantas linhas divergentes, a grande força aglutinadora de toda essa incessante dispersão, ao mesmo tempo que a sombra tutelar a dar sentido e verdade ao anonimato do seu filho⁷.

Nesta perspectiva *O Averso e o Direito* exprime, a coberto de uma natural virgindade ou espontaneidade criadora, alguns dos

⁷ Publicou-se recentemente um estudo psicanalítico da autoria de Alain Costes (*Albert Camus ou la parole manquante*, Paris, Payot, 1973) onde, naturalmente, a relação Camus-Mãe e as suas implicações freudianas são analisadas à luz da metodologia própria àquela ciência. O autor estabelece um paralelo curioso entre as posições respectivas da avó e da mãe frente à criança Camus, bem como o constrangimento e a ambiguidade das reacções desta em relação a ambas. Alain Costes tenta igualmente esclarecer o significado e as consequências profundas no plano afectivo causada pela ausência paterna no comportamento do adolescente, do homem e do escritor, considerando que o impulso criador no jovem Camus nasceu fundamentalmente do desejo de se querer identificar com o seu mestre tão admirado Jean Grenier, substituto ideal de um pai que nunca conhecera.

temas dominantes da sua sensibilidade ainda excessivamente permeável ao meio ambiente. Nele coexistem a abertura ao mundo de fora, o mundo dos outros, e a certas horas o refúgio na realidade interior; concorrência oriunda duma visão simultânea de dois espaços físicos diferenciados. Veremos a seguir até que ponto esta dicotomia é flagrante neste livro de contrastes.

O próprio título de resto, através de uma discreta dissonância, imprime um movimento de ida e volta, de distância e regresso, de verdade ainda por definir a baloiçar-se entre duas vertentes desconhecidas de luz e sombra. Momento de hesitação, pêndulo de relógio imóvel entre seus extremos, pequeno intervalo entre duas margens do tempo.

Porém e diferentemente de *Núpcias*, não se verifica aqui nenhum acordo com a paisagem circundante, talvez por esta ser urbana e desconhecida (refiro-me às passagens dedicadas à Checoslováquia e a Palma de Maiorca), talvez ainda por se notar certa falta de amadurecimento como se qualquer coisa de inseguro ou de vulnerável teimasse em persistir dentro dele impedindo-o de se entregar e de plenamente se conhecer.

Na verdade, esta espécie de perplexidade quase afectiva ante as coisas e os seres, patente sobretudo no decurso da passagem por Praga, proveniente da distância e do isolamento que dela resulta, representa já para Camus o confronto inicial com o sentimento do absurdo («esta espessura e esta estranheza — é o absurdo», *MS*) que, de certo modo, ainda não sabe ou não ousa formular na sua inteireza, mas cuja intensidade se pressente ao nível do indefinido, designadamente no conto intitulado «A Morte da Alma». Longe de sua terra e de seus hábitos, Camus, em Praga, é um homem totalmente desenraizado. Desconhece a língua, as gentes, as paisagens; dispõe de pouco dinheiro e ninguém o acompanha... Viajante solitário que anseia pela hora do regresso! Esta aprendizagem do exílio em terras estranhas marcá-lo-á tão

profundamente que a mais sombria das suas peças, *O Mal-Entendido*, se situará algures no interior da Checoslováquia.

«É certo e sabido que só reconhecemos a pátria no momento de a perdermos» (N). Assim é com efeito, e ele já o sabe através dessa primeira experiência que servirá de base mais tarde a *O Mal-Entendido* e a *A Queda*, e inspirará igualmente algumas páginas de *O Mito* como aquela em que os «cenários desabam» dando origem a que «um dia o porquê se levante e tudo recomeça nessa lassidão tingida de espanto» (MS).

Para o argelino que ele é, os cenários aqui presentes são efectivamente outros: são as cidades da Europa Central; Kufstein, Salzburgo, Linz, Budweis, Praga, Dresden, Bautzen, Breslau; são as lonjuras hostis da Morávia e da Silésia; as noites errantes de Praga; os pesados silêncios das catedrais e dos palácios de Hrasdchin; ruas e cidades sem rostos nem abrigos onde por toda a parte paira uma espécie de mudez que o persegue à semelhança de uma cegueira interior, que a tudo se prende como se não houvesse jamais algum regresso possível, e que nele se exprime pelo pânico de subitamente adoecer, e de ali ter de ficar por um tempo indeterminado, como que prisioneiro à mercê de desconhecidos numa terra inimiga. (Camus, nessa altura, já se sabia tuberculoso.)

O essencial não é, pois, aqui o que se escreve mas aquilo que se sente, esta necessidade de auto-esclarecimento, este aprofundamento da subjectividade que não se confunde todavia com o seu «eu» mais íntimo como em *Núpcias*, mas lhe revela existir em si qualquer coisa de subterrâneo e nebuloso até então desconhecido. Daí essa tensão nascida de uma surda revolta de quem se sente um pouco perdido à procura de uma solução que não encontra, vítima de uma lenta e corrosiva destruição, votado a um ostracismo que actua simultaneamente em planos diferentes, pelo que não é por acaso que deparamos em *O Averso e o Direito* com tantas figuras de velhos e velhas, póstumos a si mesmo e a

tudo o que os rodeia, sobreviventes num mundo adverso, ou, o que é pior, num mundo indiferente; e todos eles portadores de uma liberdade que se afunda pouco a pouco, debruçada sobre um mundo que a recusa, como se o exílio fosse afinal o único caminho no longo caminho de todas as mortes que nos esperam. «Talvez seja isto a felicidade, este sentimento de comiseração em relação à nossa desgraça» (AD).

No entanto, e para além deste espírito pessimista (com o seu muito de artificial e literário), o que se verifica, no plano da consciência, é um sentimento de perda aliado a uma tendência para desistir, para demitir-se, como se já nada lhe dissesse respeito. Para mais, o contista de *O Averso e o Direito* possui um sentido de observação em muitos aspectos próximo do de Meursault, o narrador de *O Estrangeiro*, notando-se em ambos um desfazamento natural frente à realidade, e digo natural porque na contemplação e na descrição dessa realidade existe um alheamento quase permanente, extensivo às próprias relações de convívio e amizade. Esta individualização extrema face ao mundo insólito dos outros é já verdadeiramente o olhar de Meursault que atravessa as coisas sem nelas se prender, que observa e anota mas não se fixa, receptivo apenas ao instante e a nada mais.

Mas não somente: porque a sensação de lacuna e de vazio que o pressentimento do absurdo lhe transmite vai agudizar nele uma premente nostalgia de unidade. Ora, é precisamente isto que se vislumbra em *O Averso e o Direito*, o medo de já não saber reencontrar essa unidade que se perdeu, que se diluiu aos poucos, que alguém parece ter escamoteado a meio caminho dum percurso, sem se saber ao certo quem e quando. Tema retomado em planos diferentes nas futuras composições mas nascido nas primeiras páginas do seu primeiro livro. Na verdade, Calígula, Martha, Rieux, Clamence, Janine, têm todos por denominador comum uma idêntica claustrofobia moral e física porque a todos

lhes falta um sentido profundo de continuidade, de permanência, de duração, vivem como que dominados por um remorso de que não conseguem libertar-se, «estranho a mim próprio e a este mundo» (MS).

Veremos como a felicidade encarnará para todos eles não só a procura dessa identidade perdida, mas a única realidade palpável, a única finalidade legítima quando já nada mais resta. Do mesmo modo para o próprio Camus ela surgirá como a única resposta possível ao crescente pavor da doença. Agora e mais tarde. É efectivamente através dela que melhor avalia e exprime o sentir do seu viver, essa espécie de lucidez do instinto, se assim posso dizer, que nunca o abandonará.

Contudo, *O Averso e o Direito* oferece outras emoções e consente outras raízes: a liberdade da rua, as mulheres, a comunhão com a plenitude triunfante do mar — troféus dos deuses ao alcance de todas as mãos, festa eternamente luminosa! São as imagens do *reino* estas, rasgadas de ternura e espanto, ricas de constelações e alegrias — cumplicidade vagabunda com o ritmo do mundo, limpidez das cores, clemência das gentes. É a perfeição de certos instantes como uma dádiva de vida, imperecível e imediata. É também o reencontro com a munificência da natureza, com essas margens, nunca esquecidas, da civilização mediterrânea: A Espanha, a Itália, a Argélia. «Há mulheres em Génova cujo sorriso amei toda uma manhã» (AD). Mundo ardente e crepuscular repleto de noites e de dias cristalinos e abertos. «Se a linguagem daquelas terras se harmonizava com o que ressoava profundamente em mim, não era porque respondia às minhas perguntas mas porque as tornava inúteis» (AD).

Mundo familiar feito à medida do homem, povoado de charizes e de moinhos, de nudez e sombra, de esplanadas, pátios e jardins; «a carícia da noite na estrada de São Berico, perto de Valmarana.» Sem esquecer as pequenas igrejas brancas de Ibiza

com o sol a descer sobre as oliveiras no sopé das colinas - enquanto a luz, ao longe, vai sulcando o verde sem fim do mar.

Ânsia e lassidão brotam assim de uma mesma e suave embriaguez dos sentidos e da memória. Aliança desprendida, e ao mesmo tempo visceralmente íntima entre o homem e o mundo, entre o homem e ele próprio. Paradoxal proximidade, paradoxal distância.

Admirador dos Gregos, deles retira a firmeza de alma aliada a um sentido de libertação e grandeza que lhe será sempre grato (O seu apego e dívida à cultura helénica fá-lo-á dizer, quando de uma visita a Atenas e a Delfos, em 1955 «Sinto-me de coração grego!»). Visão partilhada entre imagens de movimento e de morte, pulsar contraditório com o qual se confunde, como a não querer desmerecer de nenhum embora sabendo-se fascinado pelos dois ao mesmo tempo.

Nessas páginas se afirmam e degladiam a totalidade do universo visível junto à experiência particular do homem.

As suas primeiras emoções ficarão para todo o sempre circunscritas a esse espaço que o jovem Camus desvela com um sentimento confuso de isolamento e mágoa, de evasão e ternura frustrada. Dádiva elementar, paisagem definitiva captada nesse preciso minuto onde a vida é contígua à morte. Esta incessante tensão entre dois pólos adversos será o fio condutor de toda a sua obra que Camus reivindicará como a mais severa, mas, também, como a mais generosa das lições. «Há assim uma vontade de viver sem nada recusar da vida que é a virtude que eu mais venero neste mundo» (V).

O Avesso e o Direito dirá, em tom de confidência, dessa vontade de salvaguardar um testemunho à medida do homem onde possam coexistir, numa única ordenação, todos os seus contrários.

Talvez não seja inútil relembrar aqui que o livro que determinou a sua vocação literária foi *A Dor*, de André Richaud, publicado em 1930, e lido por Camus aos dezassete anos, a conselho de

Jean Grenier. O romance retrata a vida em comum duma mãe e dum filho durante a guerra de 14-18, numa pequena aldeia isolada nos confins duma província francesa, longe das trincheiras, mas onde os seus habitantes permanecem submetidos às leis rudimentares da guerra de retaguarda — a penúria dos bens, a monotonia dos dias acentuando a ausência dos que estão longe, e por entre o regresso repetido das tardes, a solidão do campo nas noites de Inverno. Este isolamento é agravado pelo facto de o rapaz ter perdido o pai na guerra, e de a viúva entretanto se apaixonar por um oficial alemão prisioneiro. A parte final do romance desenvolve o surdo rancor que coloca frente a frente a mãe e o filho, já hostis, ambos testemunhas da sua própria desgraça num ambiente de crescente e quase desejada incompreensão recíproca.

Camus descobre, assim, através do livro de André Richaud, o mundo secreto da sua infância, mundo da sobrevivência calada e triste e também duma certa inocência ameaçada: «Nunca esqueci esse belo livro que foi o primeiro a falar-me de coisas que eu conhecia: de uma mãe, da pobreza, das belas tardes e do céu. Ele desatava no fundo de mim um nó formado por obscuras ligações, libertava-me de obstáculos que eu sentia sem poder nomeá-los. Li-o todo numa noite, como acontece em casos semelhantes, e, ao acordar, repleto de uma nova e estranha liberdade, comecei a caminhar, hesitante, numa terra desconhecida. Acabava de aprender que os livros não proporcionam só o esquecimento e a distração. Os meus teimosos silêncios, esses vagos e despóticos sofrimentos, o mundo estranho que me rodeava, a dignidade dos meus e a sua miséria, os meus segredos, enfim, tudo isso podia, afinal de contas, ser dito! Havia nesse livro uma libertação, um grau de verdade onde a pobreza, por exemplo, assumia repentinamente o seu verdadeiro rosto, aquele que eu suspeitava e venerava obscuramente»⁸.

⁸ *Encontros com André Gide*, Paris, Plêiade, vol. II, pp. 1117-1118.

Trecho elucidativo que evidencia bem quanto esse *caminhar solitário* da infância o marcou, psíquica e fisicamente. Sob o signo embora da rudeza e da severidade, a criança encontrava uma voz subterrânea cujos liames lhe desvendavam uma nova reasunção da realidade, na plenitude e na alegria de existir. A obra literária vai orientar-se na direcção desse primeiro apelo, refundindo-o e ampliando-o.

No segundo livro, *Núpcias*, encontramos igualmente a repetição de um movimento dialéctico pela unidade dos opostos, esse «jogo da alternância» como diria Montherlant, que abarca todos os extremos da vida e do silêncio: a luz e a morte, a alegria e a miséria, a beleza e a humilhação dos vencidos que não representa um diletantismo de compromissos mas a vontade de tudo viver, e sobretudo de preservar dentro de si uma âncora interior, um ponto único de referência susceptível de amalgamar à sua volta a dispersão do mundo. Tentativa, sempre recomeçada porque sempre derrotada, de tudo unificar de uma só vez! E a consciência dessa impossibilidade levá-lo-á, à semelhança do Don Juan de *O Mito de Sísifo*, a pôr em acto *uma ética da quantidade* e a *multiplicar as experiências que não pode unificar*. Velha aspiração, tão velha como o mundo...! «Se queres caminhar para o infinito corre o finito em todas as direcções» (Goethe).

De qualquer modo, entre o sim e o não, entre o exílio e o reino, situa-se todo um universo de contrários que a sua sensibilidade, tal como sucede nas páginas dualistas de *O Averso e o Direito*, vai exacerbar numa permanente, e quantas vezes vã, tentativa de conciliação e unidade. Desafio à desordem sem nome do mundo? Ou, mais simplesmente, necessidade de disciplinar uma tumultuosa anarquia interior? Ambas as coisas são frutos da mesma exigência. O artista nasce dessa contradição que mortifica o homem. Esse feixe de contrários traduz a raiz mais pura da sua fidelidade, e constituirá, mais tarde, a primeira fonte duma inacessível nostalgia.

Será essa a razão por que, passados mais de quinze anos sobre a sua morte, são ainda os textos insertos em *Núpcias*, e em algumas das suas publicações dos últimos anos, nomeadamente *A Queda*, aqueles que nos fornecem algumas das melhores páginas de Camus?

Há decididamente uma natural liberdade de expressão junta a um certo ritmo profundamente pessoal que confere a esses livros um tom inesquecível, e que escasseia nos seus trabalhos posteriores.

* * *

Núpcias contém, a par de uma prosa cintilante, a expressão ou uma das expressões mais autênticas da sensibilidade artística de Camus, pelo que importa que nos detenhamos a examiná-lo. E para lhe apreendermos o íntimo significado bastará lembrar que Camus desde a adolescência arrasta consigo frequentes crises de hemoptise, sequelas de uma tuberculose cuja gravidade o levava aos dezassete anos ao internamento hospitalar.

A doença vai afectá-lo grandemente e surge-lhe decerto, mormente nessa idade, como uma espécie de injustiça em marcha, cuja arbitrariedade nada permite preservar e tudo ameaça destruir, a começar pelo luxo estonteante de viver. Na verdade surpreende-o em plena sofreguidão de vida, numa altura em que a doença e a morte pertencem aos outros e só existem nos livros, forçando-o a interromper os estudos e tornando ainda mais difícil a sua já precária situação económica.

Como é que um doente, para mais adolescente, enfrenta a vida? Com uma resignação angustiada, ou antes com a paixão de quem rejeita todos os amanhã para melhor absorver o minuto ao seu alcance?

O longo período de convalescença traz certamente ao jovem Camus um acrescido desejo de viver, ao mesmo tempo que lhe aguça a lucidez ao colorir as coisas e os dias dum brilho mais

exacto, ao denunciar em cada presença uma outra possível dimensão.

Quem é Meursault, na verdade, senão a exemplificação dessa distância e dessa lucidez? Distância essa que não renuncia ao apelo de nenhum esplendor; lucidez que não sabe prescindir do instinto. E não serão estas porventura as características mais genuínas do homem absurdo? Não antecipemos.

Prostrado uns tempos, ei-lo que renasce agora com redobrado ardor ao contacto das coisas, das gentes, das mulheres: «a besta arrebatada do desejo que trazemos enroscada na cavidade dos rins e que se agita com uma estranha suavidade» (C-I). Camus tem entre vinte e três e vinte e quatro anos. É a altura em que escreve *Núpcias*, esse grande incêndio interior povoado de tumulto e de desespero. Desespero, ainda a nascer, que se presente e se adivinha — em filigrana no interstício das palavras — porquanto ainda se confunde com a entrega total dum corpo votado aos excessos da juventude, mas cuja negra cintilação aflora já duma chama inconfundível.

A despeito, porém, de não existir em *Núpcias* alusão alguma à tuberculose, não julgo desavisado supor que esta foi, em grande parte, o detonador psíquico que esteve na origem daquele livro. Em 1959, esclarecendo Jean Brisville acerca do seu estado de espírito na altura posterior à publicação de *O Averso e o Direito*, Camus respondeu: «Depois de *O Averso e o Direito* duvidei [da sua vocação literária]. Pensei em renunciar. Mas logo a seguir senti em mim uma força de vida, arrebatadora, a desejar exprimir-se: e escrevi *Núpcias*.»⁹

Com efeito, latente em cada linha subjaz uma urgência, uma apreensão, um frémito interior — presságio do fim? — que tem

⁹ Jean-Claude Brisville, *Camus*, Paris, Gallimard, p. 256. Existe uma tradução portuguesa por Rui Guedes da Silva, Lisboa, Editorial Presença, 1962.

a morte por pano de fundo, a morte cujo rosto a doença lhe desvendou com uma inesperada prontidão.

Decerto semelhante suposição é de aplicar igualmente a *O Averso e o Direito*, e aqui a bem dizer com maioria de razão, pois este situa-se, cronologicamente falando, mais perto dos seus dezassete anos do que *Núpcias*. E igualmente neste se adivinha essa ânsia de vida que mais tarde irradiará de todas as páginas de *Núpcias*. Simplesmente, em *O Averso e o Direito* tudo isto se apresenta de uma forma tímida e fugaz, em embrião e quase acidentalmente, enquanto em *Núpcias* a lembrança da doença se torna patente precisamente porque Camus a enfrenta e a anula. Daí uma sensação orgulhosa de irreprimível liberdade. *Núpcias* é o ideário dum combate e o remate de uma vitória. E por isso é um livro de certezas ao contrário de *O Averso e o Direito*, portador de renúncias e nostalgias.

Dir-se-á que em *O Averso e o Direito* Camus de nada se pudera ainda libertar e se deixava ficar numa dolorosa e insatisfeita expectativa. O que o domina é a sombra de uma permanente melancolia, um sentimento de inevitabilidade perante a derrota, de resignação antecipada perante a morte. E todavia é o próprio Camus a insurgir-se contra semelhante interpretação. Numa carta a um amigo escrita no Verão de 1937¹⁰, depois de se regozijar com a profusão inesperada de críticas que o livro suscitara, contesta finalmente a validade dessas mesmas críticas, porquanto colocavam o acento tónico no pessimismo e na amargura, ignorando o que aos seus olhos constituía o verdadeiro propósito no impulso que o levava a escrever o seu primeiro livro de contos. «Se não exprimi todo o sabor que viver me oferece, todo o desejo que tenho de agarrar a vida com ambas as mãos, se não consegui

¹⁰ Albert Camus, «Carta a Jean de Maisonsseul», *Essais*, vol. I, pp. 1218-19, Paris, Pléiade.

dizer que a própria morte e a dor não fazem senão exacerbar em mim esta ambição de viver, então nada disse.» E acrescenta: «No fundo, tanto melhor, porquanto assim tudo fica ainda por dizer.»

Dois anos depois oferece-nos *Núpcias*, logo seguido de *Calígula*. O tom é outro. O homem também.

Com efeito muito ficara ainda por dizer.

A própria rainha das cores, esta luz que se derrama por tudo o que vemos e por todos os lugares em que me encontro no decorrer do dia, investe contra mim de mil maneiras e acaricia-me, até mesmo quando me ocupo noutra coisa que dela me abstrai.

SANTO AGOSTINHO

Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Mas no tempo não havia horas.

GRACILIANO RAMOS

